

## LOBBY ISRAELENSE NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Charles Leopoldino Marcolino<sup>1</sup>

### Resumo

Ao longo dos anos é notória a relação sempre estreita entre os Estados Unidos da América e Israel, sendo aquele o estado que mais auxilia financeiramente, militarmente e diplomaticamente este. (MEARSHEIMER; WALT, 2008). Nem com todas as atitudes de Israel contra os palestinos na faixa de Gaza ou na Cisjordânia fez com que, os Estados Unidos se pronunciassem de maneira firme a respeito, ou liderassem uma missão para o território palestino como fizera em outros países. Segundo Walt/2008, durante a primeira intifada (revolta palestina contra Israel), o exército israelense matou entre 2700 a 5000 palestinos, a maioria deles desarmados, além de estupros coletivos e expulsões, mesmo assim os Estados Unidos vetou 32 resoluções contra Israel desde a década de 1980.

Não havia até então pronunciamento norte americano sobre o fato; mas o que faz Israel e Estados Unidos estarem ligados e aparentemente em total sintonia em tantos aspectos ao passar dos anos, não só no caso palestino, ao longo da história não há menção de países tão distantes e tão próximos em questões políticas e militares, estaria tudo remetido ao *lobby* israelense na política americana como citam Mearsheimer e Stephen M. Walt em seu livro com o mesmo título?

É mister saber que, com a eleição de Barack Obama, e as novas atitudes do primeiro ministro de Israel, e uma nova classe de israelenses que ganha força nos Estados Unidos é possível que essa relação estremeça ou mude ao passar dos anos.

Esse artigo procura elucidar os fatos internos e externos que aproximou os dois países nas últimas décadas e se os acontecimentos recentes podem provocar um afastamento político e ideológico entre as duas nações.

Palavras – Chave: Estados Unidos – Israel – Política – Sintonia – lobby

---

<sup>1</sup> Discente Relações Internacionais – Faculdade ASCES – E-mail: charlielm80@gmail.com

## **Apresentação**

Os ideais norte-americanos de liberdade e sua política pró democracia de livre mercado ditam uma tendência em todos os lugares do mundo, suas intervenções contra os denominados *rogue – states* (estados tidos como ditatoriais e terroristas) fazem também parte de sua política externa, e comumente é possível verificar entre a comunidade internacional pedidos de intervenção norte-americana em países que passam por crises interna.

Mas é com o estado de Israel que os Estados Unidos têm tido uma relação mais estreita ao passar dos anos, em seu livro *The Israel Lobby and U.S Foreign Policy* os autores John J. Mearsheimer e Stephen M. Walt analisam, baseando-se em dados empíricos, essa relação, como ela se processa dentro do estado norte-americano e reflete em sua política externa, principalmente no Oriente Médio; para ambos a posição norte-americana se dá através do forte lobby israelense que existe por parte de grupos influentes política e economicamente dentro do país.

Para o cientista político Wagner Pralon Mancusso,2007 apud Machado 2013:

...o termo lobby comporta o bem e o mal. Para a mídia, lobby é sempre corrupção. Já os lobistas querem que a definição diferencie lobby de corrupção. Na minha visão de acadêmico, trata-se de uma expressão neutra, que significa defesa de interesse perante o tomador de decisão. Para o teórico, muitos profissionais da intermediação de interesses praticam corrupção e tráfico de influência em suas diversas aplicações, como a fraude de concorrência. Mesmo assim, o lobby lícito, cuja base é muita informação, é uma parte muito grande, pois sua credibilidade é importantíssima. Há uma força que o impele a prestar informações precisas, por mais que parciais, que mostrem seu ponto de vista.

Brasil, Estados Unidos e União Europeia, encaram de forma distinta o tema, enquanto no Brasil não há uma definição oficial de lobista, nos EUA lobista é o indivíduo empregado ou contratado por um cliente para fazer contato de lobby, tem seu registro feito no Senado ou na Câmara de Deputados; já na União Europeia não há definição consensual, embora existam agências de lobistas autônomos registrados no próprio site da UE recebem cartões para ter acesso ao Parlamento Europeu para trabalhos de lobby. (MACHADO, 2013)

Não há, segundo Mearsheimer e Walt razão alguma que explique a força dessa aliança, que gera custos aos norte-americanos financeiros e de ataques terroristas de extremistas prejudicando os interesses do país. Embora tenha recebido várias críticas de pensadores como Dershowitz (2006) e Goldber (2007) tem como maior mérito trazer o debate da influência ou não de Israel para os estudos de Relações Internacionais e Política Externa. (RESENDE, 2010)

A política norte-americana influencia muitos acontecimentos e comportamentos em outras partes do mundo, segundo os autores o lobby israelense dita como se comporta a

política e alguns políticos americanos em relação a Israel. Israel é o estado que mais recebe aportes econômicos dos Estados Unidos, e isso repassado em uma única parcela, enquanto que na maioria dos países esses valores são divididos em até quatro vezes, além desse valor o estado israelense ainda recebe ajuda financeira para desenvolver sua área militar e de pesquisa, no campo diplomático não há posicionamento americano e fim de estabelecer missões de paz para a região de conflito entre Israel e Palestina, e mesmo com as atrocidades israelenses registradas contra civis palestinos, os Estados Unidos desde 1982 já vetaram mais de 30 resoluções do Conselho de Segurança da ONU contra o estado de Israel. (MEARSHEIMER; WALT,2008)

Conforme Mearsheimer (2008) soldados de Israel torturaram vários palestinos, durante a primeira Intifada (NOTA), estima-se que mais de 20.000 crianças precisaram de tratamento médico devido a ferimentos provocados por cassetetes. Já na segunda Intifada a resposta israelense foi tão violenta que seu exército foi denominado de máquina de matar de eficiência chocante. Israel já matou o equivalente a 3 palestinos para cada israelense, a maioria desses palestinos civis. Esses e outros fatos relacionados a Israel foram documentados por várias organizações de direitos humanos e de observação, e mesmo com respostas duras e desproporcionais não se viu um pronunciamento norte-americano contra esses eventos.

Para Mast (2014) a relação entre Israel e EUA tem sido contestada por vários autores, creem eles que Israel é um ponto estratégico para lidar com um campo hostil trazendo segurança e benefícios que ultrapassam os custos políticos. No entanto Mearsheimer e Walt contestam esse argumento dizendo que isso não existem e denotam 3 razões para isso: a presença de Israel no oriente médio na época de influência soviética levou extremistas para Moscou o que era contrário ao interesse americano, a tendência de ver o oriente médio pela ótica da guerra fria impossibilitou progresso a paz no conflito Israel palestina, o suporte americano levou a um clima de hostilidade pelos árabes para os EUA.

De acordo com Zvi *apud* Mast (2014) embora essa aproximação tenha sido um fator estratégico durante a guerra fria, desde os anos 1990 não há nenhum fator significativo que explique essa aliança. Israel é um parceiro estratégico em alguns casos, mas nada justifica um apoio ilimitado por parte dos EUA não podendo explicar esse apoio em um único fator isolado. O argumento utilizado é de que é a efetividade do lobby no congresso embora tenha poucos impactos nas decisões do presidente.

Já Bard *apud* Mast (2014) constatou em uma análise de 782 decisões políticas nos anos de 1945 a 1984 que o lobby israelense alcançou seus objetivos em 60% das vezes. Entretanto em casos onde o presidente apoiou o lobby esse número chegou a 95%, constatando que a assertiva de que o lobby possui mais influência sobre o congresso, e menos influência sobre o executivo principalmente nas questões de segurança e diplomacia. No entanto conforme

destaca Bard, está limitado ao ano de 1984, exatamente quando o lobby passou a ficar mais forte e evidente

Para Mearsheimer lobby é a coalizão de indivíduos e organizações para moldar a política externa norte-americana pró-Israel, é composto por judeus norte-americanos que não medem esforços para modificar a política externa dos Estados Unidos. As propostas vão muito além de votar em candidatos, são baseadas também em contribuições financeiras e cartas abertas de apoio. No entanto, nem todos os judeus que vivem no país fazem lobby pró-Israel, no ano de 2004, trinta e seis por cento dos judeus estabelecidos no país se declaram não emocionalmente ligados a Israel, e tendem a serem abertos com o diálogo com os palestinos, no entanto os extremistas possuem uma maior organização e voz ativa dentro do país.

Esse poder obtido pelos extremistas é devido a capacidade de se adaptar e jogar o jogo político, dentro do Congresso dos Estados Unidos, o estado de Israel quase não recebe críticas. Há vários sionistas cristãos dentro da política norte-americana, como Dick Arme que em pronunciamento alegou: “Minha prioridade número 1 na política externa é proteger Israel”. Nota-se assim a influência que possui essa questão, já que geralmente a principal função de uma política externa é proteger seu próprio país. (MEARSHEIMER, 2008)

A influência ou não do lobby israelense nas decisões políticas dos Estados Unidos está presente nos debates acadêmicos frequentemente, para Chomsky; Achcar *apud* Pinto (2013), estabelecer que o lobby realmente possui todo esse poder dentro do Estados Unidos é falácia, que contribui para uma imagem distorcida tanto de Israel, tanto dos norte-americanos, levante até a um antissemitismo. Segundo Chomsky a classe política norte-americana se relaciona com esse dilema em ordem de receber apoio político e dinheiro.

Antes da Guerra dos Seis dias em 1967, Israel enxergavam Israel como um país que se colocava em rota de colisão a relação estadunidense com outros estados do mundo, é a partir dessa guerra que o foco e objetivo dos dois países muda, pois os Estados Unidos passam a ver em Israel uma peça importante no Oriente Médio ao bloquear, na visão norte-americana, a expansão do radicalismo. (FELDBERG, *apud* PINTO, 2013)

O fator ideológico e religioso não está afastado dessa relação, embora as questões políticas são as molas mestras que a regem.

Segundo Walt os fatores estratégicos que condicionam as decisões políticas dos dois países são:

- Israel ajudou o país na Guerra Fria ao derrotar países pró URSS;
- Depois da Guerra Fria Israel passa a ser ator estratégico no Oriente combatendo inimigos em comum como terrorismo dos considerados Rogue States.

Para Chomsky tais argumentos não precedem por vários motivos entre eles: os gastos econômicos, militares e diplomáticos dos norte-americanos aumentaram, gerando mais inimigos na região por apoiar Israel, o que dificulta ainda mais a aproximação com os outros

estados daquela região, Israel em muitas situações vai de encontro com as propostas dos Estados Unidos como por exemplo ao conter avanço de assentamentos na área ou compartilhando tecnologia militar norte-americana com países não próximos aos ideias deste. Mearsheimer e Walt *apud* Pinto, (2013) elencam argumentos que confrontam as ideias de Chomsky e que procuram demonstrar como ocorre a relação entre os dois países, para os autores Israel não é um estado com grande poderio na região e está cercado por inimigos, Israel assim como os Estados Unidos é um país considerado democrático, os judeus por terem sofrido no passado, mereceriam atenção especial de outros país principalmente dos norte-americanos.

A maior crítica de Resende (2010) é que todos esses argumentos tratam a questão interesses do Estado como imutáveis e estáveis, deixando as forças sociais as margens desse debate. Para a autora a influência do neorealismo de Waltz adotam uma visão utilitarista da ação política simplificando por demasia as análises da realidade. Para Wendt (1987,1999) *apud* Resende (2010), não se pode examinar as propriedades das capacidades de cada estado e determinar essa estrutura como pré-definida, para em seguida afirmar que essa estrutura constrange o comportamento dos Estados, mas mostrar como as estruturas não só constroem os agentes além de construir suas identidades e interesses. Sendo assim Mearsheimer e Walt continuam com uma abordagem totalmente racionalista, positivista e materialista procurando explicar as questões da política externa como reação comportamental.

Outro ponto a se analisar na obra dos autores é a falta de explicação quanto ao definir o interesse nacional, abordado tanto pelos autores, tanto por aqueles que o criticam como algo exógeno, quando na realidade é algo socialmente construído, não obstante questões como Estado, lobby, identidade e preferência também são analisados fora das práticas sociais que lhes dão vida no discurso, não dando importância em observar que a realidade é construída de discursos usados para naturalizar e criar o senso comum, deixando de fazer uma análise mais completa enviesando o debate e distorcendo a realidade, onde o agente – lobby – tem agência sobre a estrutura – política externa. (RESENDE, 2010)

Logo, segundo Resende (2010) os autores falham ao deixar de fora de sua análise as condições favoráveis aos discursos dominantes da Direita Cristã que legitimam o apoio a Israel, tornando tal discurso um senso comum entre a maior parte da população. Sendo assim o apoio público a aliança Israel x EUA é resultado da força da ideologia protestante no debate público, do que o poder de influência do lobby descrito pelos autores.

Não só Chomsky e o professor criticam as ideias de Mearsheimer e Walt, para Resende (2010) argumenta que a aliança estadunidense-israelense e os índices de aceitação dessa aliança ocorrem devido a ideologia evangélico-protestante junto ao público e os formuladores de política externa do país. Resende passa por uma análise discursiva sobre

diversos textos vinculados para o que a autora denomina Direita Cristã para descrever a ideologia praticada no discurso que naturaliza as opções de política externa do país, principalmente no tocante a relação com o estado de Israel, considerado o povo escolhido por Deus, se identificando com a Direita Cristã que existe nos EUA.

No entanto essas premissas podem ser contestadas após uma análise que se contrapõe aos pensamentos de Mearsheimer e Walt, se os Estados Unidos apoiassem o elo mais fraco apoiariam a Palestina, pois o poderio militar israelense desde antes da ajuda norte-americana é superior a este, a democracia existente em Israel tem pontos a serem analisados ao não considerar palestinos como cidadãos com a mesmas igualdades dos judeus, e fatores diferentes da democracia estadunidense uma vez que enquanto em uma as pessoas de qualquer religião ou etnia devem ser tratadas de forma semelhante, em Israel existe a etnocracia, onde apenas judeus possuem cidadania plena (BRIEGER, 2011,)

Ainda para Chomsky *apud* Pinto, (2013) foi criada uma ideologia em volta da relação entre os dois países (poderio israelense e forte apoio norte-americano) transformando esse mito de poder israelense é uma forma de autodefesa. Dessa forma essa ideologia funciona tanto para os Estados Unidos que se afastaria da figura de intervencionista na região, e coloca a culpa no lobby israelense em si, não se afastando dos norte-americanos que nesse caso continuam de uma forma ou de outra, apoiados pelos dois países.

O lobby possui estratégias dentro dos Estados Unidos como grande influência em Washington pressionando tanto o Congresso como o Executivo, onde também possui membros que fazem parte de comunidades judaicas dentro do país, ou associações que destinam grandes doações para as campanhas eleitorais. A AIPAC (*The American Israel Public Affair Committee*) é uma dessas associações que pode trabalhar pró ou contra um candidato dependendo de seu posicionamento frente aos assuntos de interesse de Israel. Na mídia também é possível ver a influência do lobby lapidando as informações vindas do oriente médio evitando um questionamento das ações israelenses, pois a mídia, os *think tanks* (organizações privadas que financiam e apoiam pesquisas) e a academia influenciariam a opinião pública.

A força que possui a AIPAC vem de sua imensa capacidade para recompensar legisladores e candidatos ao Congresso que apoiam suas demandas, e para punir aqueles que vão de encontro ao seu interesse. O dinheiro é fundamental para eleições e a AIPAC garante ao seu aliado apoio financeiro dos comitês de ação política pró-Israel. Candidatos vistos como hostis a Israel, se tornaram adversários da agencia. Não obstante doações a AIPAC organiza campanhas para escrever cartas de apoio e incentiva editores de jornais para apoiar candidatos pró-Israel. É comum para os membros do Congresso e seus funcionários a procurarem a AIPAC quando querem obter informações sobre determinado tema, em outros casos a agencia redige discursos, dá aconselhamentos busca patrocinadores e votos. A

relação Israel é tamanha que segundo palavras do ex primeiro ministro Ariel Sharon ao ser indagado como ajudar o país, pronunciou-se dizendo que quem quisesse ajudar, poderia ajudar a AIPAC nos Estados Unidos. (MEARSHEIMER, 2008)

Os Estados Unidos possuem várias agencias que fomentam as pesquisas acadêmicas, dentre essas agencias algumas delas possuem ligação estritamente direta com o lobby israelense. O JINSA (NOTA) criada nos anos 1970 busca afirmar a importância do estado israelense para a política externa norte-americana no Oriente Médio. A AIPAC que possui mais de cem mil membros trabalha com lobby dentro do congresso e do poder executivo nos Estados Unidos. A presença dessas instituições remonta de tempos antigos vindo desde os anos do sionismo e a formação do estado de Israel já então influenciando vários setores do governo. (MARINHO, 2011)

Conforme afirmam Mearsheimer e Walt a AIPAC afirma que Israel é o principal aliado dos Estados Unidos contra o terrorismo, enquanto a JINSA que a essa parceria é vital para a segurança global. Israel possui amplo apoio norte-americano não só por causa da questão do holocausto, mas porque auxiliam a manter a pax americana (NOTE) na região (KRAMER *apud* MARINHO, 2011)

Para Marinho, (2011) não podemos considerar o lobby israelense diferente de qualquer outro que opera dentro dos Estados Unidos, não sendo considerados também algo conspiratório. De acordo com o entendimento de quem o faz estão praticando uma atividade legal como qualquer outro grupo de interesse, no entanto de uma forma mais eficiente, diferente.

O lobby pró Israel não influencia apenas o Legislativo, mas também o Executivo, devido as volumosas doações que fazem durante as eleições, segundo o jornal norte-americano *Washington Post*, aproximadamente 60% das doações são oriundas dos judeus, além de possuírem muita influência em estados chave como Califórnia, Flórida Illinois e Nova York.

O lobby não compartilha da opinião que é necessária uma análise imparcial do conflito com os árabes, e procuram dentro do poder executivo ter pessoa com laços estreitos com a causa israelense, esse caminho pró-Israel também é notado nos editoriais dos jornais que são fortemente pró-Israel, assim como as revistas que procuram defender. (MEARSHEIMER,2008)

O lobby é visto também como uma força por trás da guerra no Iraque, almejando uma reorganização do Oriente Médio para dar mais poderes a Israel naquela região, assim Nos campos universitários o lobby tem encontrado certa dificuldade para colocar o debate pró Israel em pauta, por causa da liberdade acadêmica, embora tenham ocorrido episódios onde palestrantes israelenses ou outros grupos como o Conselho Judeu de Assuntos Públicos coordenaram grupos de discussão nas universidades e a AIPC aumentou seus gastos de monitoramento de atividades universitárias e treinamento de jovens pró-Israel.

A guerra ao Iraque foi movida por neoconservadores americanos em sua maior parte com laços estreitos com Israel e apoiados por estes, tendo as organizações judaicas defendendo o então presidente Bush em sua cruzada. Mesmo com o apoio e ânsia em invadir o Iraque, com o discurso da necessidade de livrar a região de Saddam Hussein, a comunidade judaica americana menos favorável ao lobby foi contra a guerra. Durante a administração Clinton os neoconservadores já queriam a invasão ao Iraque, não obtendo apoio necessário para tal, porém o 11/09 foi o acontecimento que precisaram para declarar a guerra ao terror.

Em 2003 um executivo da AIPAC anunciou a aprovação do uso da força no Iraque pelo congresso como um bem-sucedido lobby. (MAST,2014)

Após a guerra do Iraque, líderes israelenses começaram a incentivar o governo Bush para uma intervenção na Síria, conforme entrevista de Ariel Sharon a jornais israelenses alegando que tinham uma lista de questões a tratar com a Síria e que isso deveria ser feito através dos EUA, na mesma época o jornal Washington Post, veiculou matéria relatando que Israel alimentava uma campanha contra a Síria, repassando relatórios de inteligência israelense para os norte-americanos.

Sendo assim a administração Bush estava indecisa quanto a uma posição mais firme quanto a Síria uma vez que o país tinha repassado informações importantes sobre a rede Al Qaeda, e o regime de Assad não era visto como uma ameaça aos EUA.

Porém o lobby possui ampla articulação no meio político, conseguindo promover através do discurso os pontos positivos de Israel e pressionar os poderes executivo e legislativo, controlando o que será debatido, evitando assim que um debate mais limpo e profundo levasse a comunidade estadunidense a pensar em uma política diferente. A AIPAC não só financia os *think tanks*, e influenciando o debate acadêmico e a propositura dos discursos, mas financia as campanhas de deputados e senadores que apoiam a causa israelense, e encoraja editores de jornais a apoiar determinados candidatos. (MARINHO, 2011)

No início da primavera árabe políticos norte-americanos julgaram a política externa do presidente Obama como confusa, sem direção ou inconsistente, mas para seus assessores mais próximos essas decisões faziam sentido pois estavam relacionadas em balancear a estratégia política e objetivos norte americana no oriente médio para uma versão mais branda do suporte dos valores americanos naquela região, a primavera pode ser considerada um grande teste para a administração do presidente Obama em conseguir balancear valores liberais e objetivos quanto a luta do povo egípcio pela liberdade e o real interesse em manter estabilidade econômica e política de um de seus maiores aliados no mundo árabe. (MAST,2014)

Ainda segundo Mast (2014) no início não houve maiores preocupações de Israel quanto a primavera árabe mas ganhou proporções de importância e pessimismo ao longo do tempo,



pois os israelenses temiam que os protestos trouxessem maior instabilidade e encorajasse forças sócio políticas emergirem contra Israel e seus aliados.

A reação de Israel a primavera árabe é política, entende que ameaça as relações diplomáticas de Israel com países moderados como Egito e Jordânia, pois considera o mundo árabe hostil a Israel, aumentando a possibilidade do radicalismo palestino, aumento da pressão norte americana em conter ameaça nuclear iraniana, possibilidade de surgir novos governos árabes independentes da pressão política dos EUA. Assim Israel mantém a necessidade de possuir uma força defensiva cada vez mais poderosa para conter uma possível ameaça árabe. Desse modo Israel manteve suas alianças com Jordânia e Egito enquanto se afastou da Síria, não só pela histórica hostilidade pelo regime de Bashar al Assad, mas por que conforme pontua o autor Israel sempre esteve mais interessada em manter seu status quo na região do que ajudar a mudanças democráticas. (MAST,2014)

Enquanto isso no Congresso norte-americano a AIPAC trabalhava dentro do congresso pressionando-o para apoiar decisões pró Israel, o presidente Obama pegou todos de surpresa ao decidir suspender a ajuda ao Egito, mesmo sem consultar o Congresso, no entanto essa suspensão atingiu apenas algumas áreas de ajuda, sendo mais uma decisão simbólica. (MAST,2014)

Para Mast (2014) o Iran tem perseguido expandir sua tecnologia nuclear desde 1957 tendo inclusive recebido suplemento de urânio enriquecido pelos EUA até a quebra de laços diplomáticos em 1979 por causa da revolução islâmica, o programa nuclear iraniano ficou suspenso temporariamente e em 1985 com auxílio de cientistas do Paquistão retomaram os estudos. Mesmo com sanções econômicas por causa do EUA, a preocupação internacional com a questão nuclear no Iran é bem recente.

Com uma política externa diferente o presidente Obama adotou medidas que não impactassem de forma direta nos cidadãos iraniana, tomando medidas relacionadas aos setores de energia que causaram um impacto significativo na economia daquele país, evidenciando mais uma vez seu perfil de tratar as questões de política externa de uma forma mais multilateral. Por essa razão os israelenses se sentem desconfortáveis com esse posicionamento norte-americano na região e veem uma ameaça a relação EUA x Israel.

A demanda solicitada pela AIPAC é que o Iran interrompa seu programa nuclear e que os EUA sejam os condutores dessa ação; mandando recados ao governo norte-americano como: América deve evitar que Iran consiga alcançar a capacidade de produzir armas nucleares, um estado iraniano armado nuclearmente é uma ameaça para israel. (MAST,2014)

Assim, a AIPAC pressiona o congresso dos EUA para fazer o que é necessário para prevenir que o estado do Iran se arme, Benjamin Netanyahu se frustrou com a aproximação da comunidade internacional com o Iran e responsabiliza a fraca política externa norte-americana por isso. (MAST,2014)

No entanto as ideias não são unânimes e causam debates em pensadores, em recente declaração Noam Chomsky abordou sua percepção sobre o assunto afirmando que a tese de Mearsheimer e Walt não é convincente, já que para ele as políticas do Estados Unidos para o Oriente Médio são semelhantes as outras partes do mundo, alega ainda que as empresas de energia, armas e petróleo tem um interesse muito maior na região, fazem doações superiores e não permitiriam ter um papel secundário frente ao lobby israelense, o que coloca a tese de Mearsheimer e Walt em cheque.

Segundo Chomsky; Achcar (2007) *apud* Pinto (2013) os intelectuais liberais norte-americanos são tão influentes quanto a AIPAC, e a classe política norte-americana está disposta a apoiar qualquer tipo de declaração desde que lhes seja concedido dinheiro para suas campanhas e votos. Ainda para os autores, embora o lobby seja parte importante na política dos EUA, não se pode atribuir tamanha influência nas decisões tomadas pelo país, o que possibilitaria um aumento antissemita influenciado por esse discurso.

O lobby foi criado por volta dos anos 1960, pouco após a Guerra Fria, motivado por várias mudanças ocorridas no sistema internacional, os pensadores liberais que influenciaram a criação desse lobby estão hoje presentes no governo influenciando suas decisões. Antes da Guerra dos Seis Dias, Israel não era visto como aliado, mas como um obstáculo no relacionamento dos EUA com outros países árabes, é após a guerra que é visto em Israel um ponto estratégico no Oriente Médio, podendo desempenhar um importante papel na contenção do radicalismo. (PINTO, 2013)

Assim, logo após a Guerra dos Seis Dias, com a vitória de Israel, os intelectuais liberais do país passaram de críticos de à sionistas fervorosos, mostrando como cita Resende (2010) que o fator ideológico está também enraizado no governo. Essas questões políticas muitas das vezes utilizam desse discurso para receber apoio de grupos judaico-cristãos. (CHOMSKY; ACHCAR *apud* PINTO, 2010)

O mito do poder israelense cumpre uma função ideológica: exonera os Estados Unidos de toda a responsabilidade [de ficar com a reputação de país inimigo, que intervém, imperialista e agressor]. E é perfeito para os sauditas em particular, porque assim podem recorrer a essa explicação: “Temos que lutar contra os judeus e sua perversa influência em Washington, e tentar ganhar a nossos amigos norte-americanos. E temos aliados nos Estados Unidos, aos quais temos de prestar apoio”. Com tal argumento, não se pode culpá-los de estar estreitamente ligados aos Estados Unidos, já que competem contra os israelenses por lograr o favor dos Estados Unidos. (ACHCAR; CHOMSKY, 2007, p. 94, *apud* PINTO, 2010)

No entanto, há intelectuais árabes que entendem que os EUA são a verdadeira ameaça ao Oriente Médio, pois usam Israel visando seus interesses nacionais, utilizando uma expressão dos autores de que pensar em Israel conduzindo os EUA, é a mesma coisa que pensar que “o rabo é quem move o cachorro”. Assim, os EUA fazem com que Israel pareça o verdadeiro inimigo da região, atraindo a atenção para

algo que é secundário, fazendo com que não se perceba seus verdadeiros interesses. (CHOMSKY; ACHCAR *apud* PINTO, 2010)

Em resposta aos comentários de Chomsky o historiador israelense Dr. Ilan Pappé da Universidade de Haifa contra argumenta essas afirmações dizendo que as políticas norte americanas para o Oriente Médio e para o resto do mundo são as mesmas, pois segundo o professor após a morte de Kennedy as políticas mudaram no oriente médio e permaneceram as mesmas no resto do mundo e que o mesmo da pouca importância para a AIPAC, afirma ainda que tal postura não é uma política típica americana, e necessita sim de uma análise detalhada dos fatos.

Como visto a questão desperta discussões e as opiniões sobre o assunto não são unânimes, há indagações sobre até quando o lobby israelense, entre controvérsias de assunto ou não, manterá sua influência na política externa norte americana, principalmente a voltada para o Oriente Médio. Tal política influencia negativamente Israel, uma vez que os países vizinhos podem se ver em nítida desvantagem frente a estreita relação israelense com os norte-americanos, procurando se unir e isolar o estado israelense e também os Estados Unidos tornando o Oriente Médio, local onde conforme o próprio país existem vários *rogue – states* a desafiar a política norte-americana, seja com enriquecimento de urânio ou a simples não colaboração estratégica e de informações.

Para Mearsheimer e Walt, (2006) essa situação prejudica as ações norte-americanas pois aumenta os perigos do terrorismo até mesmo entre os aliados europeus dos EUA, o lobby também contribui para que o conflito palestino continue latente, dando forças para extremistas e seus simpatizantes e a propagação islâmica radical pelo mundo. Indo além a campanha do lobby poderia fazer com que EUA tivessem que atacar Síria e Iran pela mudança de regime nesses países.

Embora o Lobby continue sendo uma força poderosa, os efeitos adversos de sua influência são cada vez mais difíceis de esconder. O debate aberto exporá os limites do argumento estratégico e moral em favor do apoio americano unilateral e poderia levar os Estados Unidos a uma posição mais coerente com seus interesses nacionais, com os interesses de outros Estados da região e também com os interesses de longo prazo de Israel. (Mearsheimer e Walt/2008).

Com as recentes descobertas de membros da AIPAC repassando informações sobre os EUA para Israel os autores perguntam se essa relação pode ser rompida, também para que a imagem norte-americana seja refeita no mundo árabe e islâmico. Há razões para os líderes americanos se distanciarem da política do lobby e adotar uma nova abordagem para o oriente médio, como usar do poder americano para estabelecer a paz entre israelenses e palestinos, ajudaria a o combate ao extremismo e promoção da democracia no oriente médio. No entanto essa guida de direção seria difícil uma vez que não há oponentes para o lobby

israelense e políticos americanos ainda são dependentes de suas doações e sofrem pressão de outras formas. (MEARSHEIMER & WALT, 2006)

Para Mearsheimer e Walt, (2006) essa situação prejudica as ações norte-americanas pois aumenta os perigos do terrorismo até mesmo entre os aliados europeus dos EUA, o lobby também contribui para que o conflito palestino continue latente, dando forças para extremistas e seus simpatizantes e a propagação islâmica radical pelo mundo. Indo além a campanha do lobby poderia fazer com que EUA tivessem que atacar Síria e Iran pela mudança de regime nesses países.

Não obstante o lobby faz com que os EUA sejam vistos como um fator que facilita a expansão israelense e o faz complacente com os crimes contra palestinos, fazendo o discurso americano de promover a democracia e sia pressão para que sejam respeitados os direitos humanos perderem força. O esforço para limitar a proliferação nuclear aparenta hipocrisia devido ao arsenal de seu aliado Israel. (MEARSHEIMER & WALT, 2006)

Conforme Mearsheimer e Walt, (2006) O congresso americano se mostra incapaz para debater esses assuntos, paralisando a expansão democrática a ser proposta, por outro lado, essa dependência norte-americana causa problemas para Israel, pois o país deixa de tomar decisões favoráveis a seu país, como o acordo de Oslo que não deu certo, e que poderia não só ter poupado vida de israelenses, mas diminuindo o número de rebeldes palestinos.

Há a necessidade de uma ampla discussão sobre o assunto no país o que guiaria os EUA para uma posição mais coerente com seu interesse nacional e o interesse de outros países no oriente médio. (MEARSHEIMER & WALT, 2006)

Essa discussão já pode ser sentida dentro do país influenciada pelas recentes atitudes do atual primeiro ministro de Israel Benjamim Netanyahu, a ascensão de uma nova classe e judeus nos Estados Unidos e até mesmo a postura do presidente Barack Obama, em relação a Netanyahu e Obama a questão gira em torno da criação do estado palestino e do programa nuclear no Irã, recentemente ao propor cessar-fogo na região o documento norte-americano causou revolta no primeiro ministro alegando que o mesmo favorecia por demais o Hamas (organização palestina, de orientação sunita, que inclui uma entidade filantrópica, um partido político e um braço armado, sendo o mais importante movimento fundamentalista islâmico da Palestina) não votando o rascunho alegando não aceitar questionamentos da gestão Obama.

A decrescente dependência do petróleo, proporcionada pelo sucesso da exploração do gás de xisto em solo norte-americano; e o desejo de conter a China. A mudança no perfil do lobby pró-Israel, tradicionalmente estruturado como um grupo de pressão da direita beligerante israelense, o lobby tem um novo ator poderoso, o J-Street, criado por judeus-americanos pró-Israel, mas também pró-paz, postura contrastante com a do atual governo israelense. Os judeus norte-americanos se encontram entre os grupos demográficos mais progressistas do país, a sociedade israelense tem dado exemplos gritantes de fanatismo,

político e religioso, na ala jovem-liberal da comunidade judaica dos EUA, que está em ascensão, o progressismo é mais acentuado. Para este grupo, as "políticas de Israel em relação aos palestinos constituem um teste decisivo crucial para a viabilidade e capacidade de resistência de seus alicerces morais e éticos".

Tal postura dá legitimidade às críticas contra Israel, em especial porque, segundo uma pesquisa do instituto Pew feita em 2013, 89% dos judeus norte-americanos enxergam como compatíveis as condições de ser judeu e a de ter posições "fortemente críticas" a Israel. No fim de julho, o mesmo instituto Pew mostrou que 40% dos americanos culpavam o Hamas pelo conflito na Faixa de Gaza, enquanto 19% responsabilizavam Israel. Entre os maiores de 65 anos, a tendência melhorava para Israel (53% a 15%), mas caía para no grupo entre 18 e 29 anos (29% a 18%). Mais um agravante demográfico para Israel é a perda de poder dos brancos evangélicos dentro do Partido Republicano. Este grupo é majoritária e ferrenhamente pró-Israel, por motivos religiosos inclusive, e está na base do lobby tradicional. Como mostrou recente reportagem do jornal *The Washington Post*, os evangélicos têm se sentido isolados politicamente no partido, diante do crescimento de ativistas libertários. Se essa tendência interna do Partido Republicano continuar, os brancos evangélicos vão ver reduzido seu poder de eleger deputados e senadores, diminuindo a base suscetível ao lobby da direita israelense. (LIMA, Carta Capital/2014)

Os fatores aqui abordados apontam não para uma ruptura entre os dois estados, visto que os dois possuem uma parceria estratégica, tanto econômica, como política, mas para uma nova ótica de relações entre os dois países no Oriente Médio afim de manter as perspectivas e influência de ambos os lados, mas é possível que com essa nova ótica, seja possível a reconstrução da imagem dos Estados Unidos na região, visto que é no oriente médio que ano após ano surgem regiões hostis ao país. Dentro dos Estados Unidos já é possível perceber vozes ainda que tímidas contra o posicionamento em relação as práticas de Israel e o alinhamento sem contestações claras por parte dos norte-americanos, quanto a Israel ainda há muitos radicais e conservadores que vão de encontro dos israelenses que vivem em solo americano, apenas o tempo e as reações da população de ambos os países a suas políticas, assim como o posicionamento de suas lideranças dirá como ficará essa linha do tempo, se enfraquecerá e sucumbirá, ou se perdurará ao passar dos anos.

## **Conclusão**

O tema lobby conhecido é visto no Brasil de forma totalmente diversa da qual é vista nos EUA, enquanto aqui lobistas são pessoas normalmente vistas de má índole que procuram adquirir para si vantagens junto ao legislativo ou executivo, nos EUA o lobby, como visto é positivado e regulamentado. Não obstante existem várias agencias que trabalham para

conseguir seus interesses na área farmacêutica, indústria de armas, agricultura, econômica e política.

Mas é na área política que o lobby se mostra mais fortemente organizado, pois conta com agências de prestígio econômico e social. Essas agências fomentam o debate para angariar junto a classe política meios de manter o status quo de Israel no Oriente Médio. No entanto como visto, há diversas correntes e cada uma delas se pronuncia de forma diferente quanto ao tema.

Enquanto a corrente ligada aos pensamentos de Mearsheimer e Walt defende que esse lobby pró Israel possui ampla influência sobre as decisões de política externa norte-americana, levando muitas vezes o país a tomar decisões contrárias aos princípios que prega, pela pressão interna que sofre, essa pressão se dá através do apoio financeiro e moral que os candidatos receberiam em suas campanhas e durante seus mandatos, além da pressão através da mídia e manutenção de grandes grupos de estudo.

A segunda corrente que segue as ideias de Chomsky, assegura que os EUA é que propagam esse discurso, para conseguir meios de propor seus ideais em um ambiente hostil para os norte-americanos o que deixaria o estado de Israel como único inimigo naquele território, estando assim os norte-americanos jogando tanto com os israelenses, como com os árabes. Para esses pensadores não faz sentido o discurso de força do lobby israelense junto aos Estados Unidos devido as disparidades de poder e economia.

Por último há a análise de que tanto os pensamentos de Mearsheimer e Waltz, como os de Chomsky estariam equivocados ao não fazer valer a análise de discurso produzida dentro desse ambiente, deixando de lado como a relação Israel x EUA x Direita Cristã se formou ao longo dos anos e como agem esses atores para promover seus interesses, mais ligados ao cunho religioso do que a simples procura ferrenha de influência no Oriente Médio.

Dados os pensamentos se faz necessário reavaliar a ligação EUA x Israel, principalmente desde a primeira eleição do presidente Barack Obama, e da constante mudança de pensamento dos judeus norte-americanos, já que dentro dos país é cada vez mais nítida a falta de interesse ou mesmo divergência em apoiar as ações israelenses no Oriente Médio, além da mudança de postura do presidente Obama frente as declarações do Primeiro Ministro Israelense, confirmando o que diz XXXX que o lobby não tem grande influência no poder executivo dos EUA, e que nos próximos anos essa relação tende a mudar significativamente.

## Referências Bibliográficas

MACHADO Gisele. **O Lobby É Injustiçado No Brasil?** Apartos, Junho-2013

CHOMSKY, Noan. **The Israel Lobby.** Znet/March/2006. Disponível em <  
[Http://www.chomsky.info/articles/20060328.htm](http://www.chomsky.info/articles/20060328.htm)> Acesso em 10 de nov. de 2014

PAPPE/Ilan . **Chomsky on Israel Lobby.** Disponível em <<http://ww4report.com/node/1826>>  
Acesso em 09 de nov. de 2014.

LIMA, Antonio. **Como Israel coloca em risco apoio dos EUA.** Disponível em <  
<http://www.cartacapital.com.br/internacional/como-israel-coloca-em-risco-o-apoio-dos-eua-9209.html>> Acesso em 05 de nov. de 2014

MEARSHEIMER, John; WALT Stephen. **The Israel Lobby and US Foreign Policy.**  
March/2008. Harvard University. Número 08/2009. Série Pensando Direito, Grupos de  
Interesse (Lobby). Brasília, 2009

MAST, Nina. **The Israel Lobby and US Policy in the Middle East: The Iraq War, The  
Egyptian Arab Spring, and Iran's Nuclear Program.** Carnegie Mellon University, 2014

RESENDE, Erica Simone Almeida. **A Direita Cristã e a política externa norte-americana: a  
construção discursiva da aliança entre Estados Unidos e Israel com base na ideologia  
evangélico-protestante.** Vol. 5, No 1 Carta Internacional. NUPRI/USP, março de 2010

PINTO, Lucas Vasconcelos Pinto. **A POLÍTICA EXTERNA DOS ESTADOS UNIDOS PARA  
ISRAEL E A QUESTÃO PALESTINA (2000 – 2004): o “Todo-Poderoso Lobby” – mito ou  
verdade?** Belo Horizonte, 2013

MARINHO, Havana Alícia de Moraes Pimentel Marinho. **Processo Decisório e Grupos de  
Interesse na Política Externa Norte-Americana: um estudo sobre a Guerra do Golfo  
(1990).** UFRJ, Rio de Janeiro, Fevereiro/2011.

